

# Apresentação

## N. 23 (vol.17) - Literatura contemporânea

Este número da *Pandaemonium Germanicum* dedica especial atenção à literatura contemporânea de língua alemã. A produção literária dos últimos anos apresenta questões que vão muito além da *Popliteratur*, do que se convencionou chamar *Wenderoman* ou do confronto com a história alemã do século XX. Os livros analisados nos artigos, por exemplo, são dedicados ao direito, à história e à arte, a utopias e distopias, à sociedade contemporânea, mundos fantásticos e à autobiografia e possuem uma impressionante disposição para enfrentar os mais complexos problemas de seu entorno e de sua história. Nesse sentido, cabe notar que a palavra *Gedankenexperiment* (experimento mental) ocorre em mais de um texto desta edição da *Pandaemonium*. Este número reúne oito estudos sobre a literatura contemporânea de língua alemã, além de dois artigos sobre Walter Benjamin, uma interpretação de um texto do barroco e um artigo sobre as relações entre Flusser e Freud.

No artigo que abre esta edição, Sonja ARNOLD, em "Zur Beziehung zwischen Literatur und Recht in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur" [The Relationship between Law and Literature in Contemporary German Literature], analisa a especificidade da configuração literária de problemas e temas jurídicos e seus possíveis efeitos sobre o âmbito do Direito. Por meio das análises de obras de Juli Zeh (*Spieltrieb*, 2004) e Ferdinand von Schirach (*Verbrechen*, 2009; *Tabu*, 2013), bem como de suas adaptações para a televisão, Arnold mostra que a literatura pode servir como campo legítimo de análise de complexas questões jurídicas (na representação ficcional de julgamentos ou crimes, por exemplo), como lugar de questionamento de concepções de justiça e suas consequências, e como instrumento de reflexão sobre os discursos jurídico e literário.

A reflexão sobre a história entra em cena no artigo de Helmut GALLE, "Geschichtsdarstellung in der Gegenwartsliteratur: Florian Illies' Pop-Chronik der Welt von Gestern" [Representation of History in Contemporary Literature: Florian Illies's Pop-Chronicle of the Belle Epoque]. Galle analisa o livro *1913. Der Sommer des*

*Jahrhunderts* [1913. *O verão do século*], publicado em 2012, de Florian Illies, que se utiliza de recursos literários para reconstruir o momento cultural que antecedeu à Primeira Guerra Mundial. Illies não perde de vista as informações históricas, nem inventa dados ou personagens, mas ficcionaliza as cenas que pretende abordar. O resultado, segundo Galle, é uma representação histórica "contrafactual" e paradoxal, pois, através de dados factuais, permite ao leitor imaginar uma Europa um instante antes de seu inverno histórico.

A sociedade contemporânea é tema da análise de Valeria S. PEREIRA em "Utopia ou distopia? A ansiedade e o vazio em *Schimmernder Dunst über CobyCounty* de Leif Randt" [Utopia or dystopia? Anxiety and emptiness in Leif Randt's *Schimmernder Dunst über CobyCounty*]. O romance de Randt, que recebeu o prêmio Ingeborg Bachmann em 2011, descreve uma sociedade de consumo "perfeita", ameaçada apenas por uma possível catástrofe natural. Segundo PEREIRA, *Schimmernder Dunst* não se configura nem como um texto utópico, nem como uma obra distópica, pois, embora possua traços típicos dos dois gêneros, o romance aproxima-se mais de um "diagnóstico" desapaixonado – e talvez por isso, inquietante – da atual sociedade de consumo.

Dois artigos abordam a obra de Christian Kracht: o estudo de Daniel BONOMO sobre "Vazio e fastio em *Faserland*" [Emptiness and fastidiousness in Christian Kracht's *Faserland*], e o de Michael KORFMANN sobre "*Imperium* (2012) e a questão da auto(r)encenação" [Christian Kracht's novel *Imperium* and the question of self-enactment]. O artigo de Bonomo concentra-se no primeiro romance de Kracht, escrito em 1995 e quase considerado um "clássico" da literatura *pop*, o de Korfmann examina a obra de um autor já premiado e enfatiza sua autoencenação, tema igualmente mencionado por Bonomo. *Faserland* seria, conforme Bonomo, um romance do tédio característico da *Generation Golf*, do fastio causado pela vida atual; *Imperium*, conforme Korfmann, a configuração irônica de uma sociedade alternativa, talvez já imaginada em outras obras e declarações de Kracht. Interessante é notar que, nos dois estudos, o estabelecimento de uma relação forte dos livros de Kracht com a tradição literária oferece a possibilidade de uma interpretação que não se deixa distrair pela figura pública do autor.

Outro tipo de autoencenação, mais fantástica e divertida, encontra-se na obra de Walter Moers, discutida no artigo "Fantasia e metaficcionalidade nos romances de

Zamonien de Walter Moers" [Fantasy and metafictionality in Walter Moers' Zamonien Novels], de Laura Alves do PRADO. Prado analisa o livro *Die Stadt der träumenden Bücher* [A cidade dos livros sonhadores], que, segundo Walter Moers foi escrito por um "Lindwurm", dragão de duas patas, chamado Mythenmetz. O jogo com o fantástico, reforçado por Moers a cada novo livro da série, dirige a atenção do leitor para a própria construção ficcional e, assim, a reflexão sobre a ficcionalidade e a medialidade do livro dá-se através da própria ficção.

Em "Autobiographie, Autofiktion, Metafiktion und Literatur. Der Fall *Stadt der Engel* von Christa Wolf" [Autobiography, autofiction, metafiction and literature. The case of *Stadt der Engel* by Christa Wolf], Celeste Ribeiro de SOUSA trata da dissolução das fronteiras entre o discurso biográfico, autobiográfico, histórico e ficcional no romance *Stadt der Engel oder The Overcoat of Dr. Freud.*, de Christa Wolf, publicado em 2010. Conforme a análise apresentada, Wolf, seguindo uma forte tendência da literatura contemporânea, transforma ficcionalmente cenas ou situações com base factual, a fim de abrir espaço a uma reflexão mais aprofundada sobre a própria vida e a história alemã.

O crítico Marcel Reich-Ranicki é tema do trabalho de Klaus EGGENSPERGER, que relata o itinerário tortuoso através do qual Ranicki se tornou um dos mais respeitados e, ao mesmo tempo, mais polêmicos críticos literários da Alemanha. O artigo "Para entender Reich-Ranicki" [Understanding Reich-Ranicki] procura analisar as relações entre a defesa do cânone da literatura e a tentativa, feita por Ranicki, de aproximar a literatura ao público em geral; também analisa o papel da indústria cultural da qual o crítico, mesmo a contragosto, fazia parte.

A obra de outro crítico, Walter Benjamin, é analisada em dois artigos. No primeiro, estabelece-se uma forte relação entre Benjamin e Marcel Proust, relação detalhadamente estudada por Maria BELFORTE em "Imágenes del despertar. La influencia proustiana en *Das Passagen-Werk* de Walter Benjamin" [Images of awakening. The Proustian influence in Benjamin's *Das Passagen-Werk*]. Segundo a autora, é sobretudo em Proust que Benjamin encontra noções fundamentais de seus escritos, como a da memória involuntária, do despertar e da aura, atribuindo a elas, porém, um caráter materialista. Belforte enfatiza, assim, uma leitura política da relação que Benjamin estabeleceu com a obra de Proust.

Miguel VEDDA assina o artigo “La gran grieta del mundo”. Siegfried Kracauer, Walter Benjamin y los debates sobre la figura del intelectual [The great Rift of the World”. Siegfried Kracauer, Walter Benjamin and the Debates about the Figure of the Intellectual]. O artigo reconstrói, por meio do exame de obras de Krakauer e Benjamin, sua teoria sobre os intelectuais, com ênfase na politização não dogmática.

A questão política também determina o trabalho de Dionei MATHIAS sobre "A diversidade do ódio: *Masaniello* de Christian Weise" [The Diversity of Hate in Christian Weise's *Masaniello*], autor do barroco alemão. Mathias estuda as diversas configurações que o ódio adquire na peça, procurando analisar suas implicações para o discurso político da época.

Na seção de TRADUÇÃO, Pedro Heliodoro TAVARES, em "Flusser com Freud: Tradução, Sujeito e Cultura" [Flusser with Freud: Translation, Subject and Culture], analisa as convergências entre o pensamento dos dois autores a partir da noção do "mal-estar" e da possibilidade de seu enfrentamento através das "capacidades criativas da linguagem e da tradução".

Encerra este número a resenha de Patrícia da Silva SANTOS sobre a tradução do livro *A Rosa Branca*, de Inge Scholl, lançada no Brasil em 2013.

*São Paulo, 08 de junho de 2014,*

*Juliana P. Perez*